

OS SERVIÇOS EDUCATIVOS E AS ACTIVIDADES DE EXTENSÃO CULTURAL NOS MUSEUS.

O CASO DOS MUSEUS MUNICIPAIS DE SETÚBAL

Ana Duarte /Isabel Vitor

Lugar e função de um serviço educativo num Museu

Todos os serviços de um Museu estão canalizados para servir o público. Em princípio, a exposição das colecções tem uma rede de significações coerente; no entanto, nem todo o público descodifica as múltiplas leituras que um objecto pode ter. Para isso existe um serviço especializado nos Museus que serve de elo de ligação entre os objectos expostos e o público visitante. Chama-se Serviço Educativo. Este serviço tem vindo ao longo dos anos a alargar o seu âmbito de acção. Começou por servir a comunidade escolar, hoje atende além dela a 3ª idade, os deficientes e a população em geral, desde que venham em grupos organizados. Para cada grupo exige-se um discurso diferente e por isso a sensibilidade, tacto e pedagogia do monitor é posta a prova.

Lamentavelmente a carreira de monitor de serviço educativo de Museus é subalternizada no quadro dos Museus. Quando esta foi criada, exigia-se do monitor um perfil pouco classificado academicamente, e, por consequência, usufruindo de um diminuto ordenado. Apesar de constituir uma aliciante carreira, nunca seduziu os licenciados; por isso os lugares foram sendo ocupados por pessoas que não tinham «habilitação superior». Se, nuns casos, à custa de esforço pessoal, os elementos de serviço educativo desenvolveram um trabalho notável, noutros casos, ele não passou de meras visitas repetitivas e monocórdicas. Só há bem pouco tempo é que as entidades debruçaram o seu olhar sobre a utilidade e importância deste serviço, devido ao crescente desenvolvimento da área escola no âmbito da reforma educativa do ensino português, e do interesse que a comunidade museológica internacional, nesta segunda metade do século, tem dedicado a este serviço. A CECA, organismo do I.C.O.M.,

reúne-se todos os anos em vários pontos do globo e os seus membros trocam experiências que são fruto de inúmeras hipóteses experimentadas no terreno.

Foi nos anos cinquenta que, em Portugal, se criou o primeiro serviço educativo graças ao desejo e ao interesse do conceituado director do Museu de Arte Antiga e eminente investigador Dr. João Couto. Com pequenos grupos de alunos de colégios e ensino oficial, foram desenvolvidos ateliers de artes plásticas e visitas guiadas, tornando-se assim, o embrião daquilo que hoje se chama, em muitas instituições museais, serviço educativo, serviço de educação ou serviços de extensão cultural, albergando estes últimos todos os concertos, espectáculos diversos, conferências e colóquios e não apenas as visitas guiadas e ateliers.

Desde os princípios da década de 70 que a APOM — Associação Portuguesa de Museologia — reunia e debatia a relação Museu-Escola. No colóquio de 1972, conforme atestam as actas do mesmo(1), figuras destacadas do panorama Museológico Português como a Sr^a Dr^a Maria José de Mendonça ou ilustres pedagogos como o Prof Rui Grácio, discutiam a metodologia a adoptar para que a relação museu-escola fosse uma realidade e contribuísse de forma definitiva para um maior conhecimento do património por parte da população docente e discente. Em todo o mundo, entretanto, já se tinham realizado importantes encontros do ICOM-CECA como o de Itália, cujas conclusões proliferaram com êxito pelos professores e museólogos, consciencializando-os de que educar as crianças e jovens para o património era uma tarefa de primordial importância.

Após a revolução do vinte e cinco de Abril, as autarquias explodiram com projectos museológicos por toda a parte e houve a necessidade de estabelecer com o público uma relação privilegiada. Começaram então a aparecer as fichas guias, os ateliers, as visitas, com animação, os projectos de história ao vivo, as exposições itinerantes, tomando-se a escola-museu-comunidade um “triângulo de ouro” de animação comunitária. O âmbito da acção alargou mais as

suas fronteiras e, como no caso de Setúbal, além da população escolar e estudantes de arte, têm-se desenvolvido projectos junto das populações que não tiveram acesso à cultura e à educação em idade jovem. Nestes casos, as exposições e animações destinam-se a despertar o interesse por temáticas da actualidade, levando os participantes a discutir temas do quotidiano que lhes são mais acessíveis, entendendo-se por isso, hoje, as áreas da etnografia e arqueologia industrial, tão nobres como a arte e a arqueologia clássica.

Consciente de que o serviço educativo de museus requer um estatuto próprio e necessita de formação adequada, a APOM em colaboração com o C.N.C., realizou, no ano de 1993, um curso destinado a profissionais deste campo de Museus de todo o país, com duração intensiva de 4 meses. As disciplinas dividiram-se em teóricas e práticas, introduzindo estas últimas ateliers de expressão dramática, área de expressão largamente utilizada nos Museus ditos de vanguarda em todo o Mundo. O curso terminou com uma valiação que constou da apresentação de trabalhos executados por todos os participantes.

1. Actas do congresso APOM. Lisboa 1972

Laura Chapman, nos seus vários artigos dedicados à relação do Museu com o público, diz que hoje as pessoas vão ao Museu para se recrearem e educarem (2); ora é através deste serviço que o Museu protagoniza a educação e a recreação, na medida em que guia os visitantes e os prende às colecções através da emoção, do prazer e da transmissão de uma mensagem.

Nos Museus Municipais de Setúbal, o Serviço Educativo foi criado a partir de 1983. Tendo em conta que o esquecimento a que foi votado este estabelecimento, durante cinco anos, provocou na população um afastamento deste património, foi necessário criar estratégias que despertassem nos potenciais públicos o desejo de participar na protecção e animação da memória colectiva.

O serviço educativo organizou-se, então, por fases: na primeira, visitaram-se todas as escolas do concelho, durante um ano, escolas essas de todos os graus de ensino. Apresentou-se aos professores uma maleta pedagógica das quatro estações, baseada em várias pinturas do Museu. Continha essa maleta dossiers, puzzles, diapositivos, jogos e outra documentação. Tentou-se que este “kit” fosse um cartão de visita, antecipando a visita dos alunos e professores ao Museu de Setúbal — Convento de Jesus. Nesta primeira fase só se desenvolveram estratégias conducentes à exploração dos objectos e colecções artísticas e históricas, respondendo de certo modo às solicitações dos professores tendo em conta que em Setúbal e arredores não havia, na altura nenhum pólo de formação contínua de professores, iniciaram-se também ateliers de formação artística para docentes nas áreas de artes plásticas, educação musical e expressão dramática, assim como cursos de história local. Numa segunda fase, em 1984, iniciaram-se as visitas guiadas ao Museu, com recurso à expressão dramática, no ensino pré-escolar e básico — (1ª fase) e com fichas guias no ensino básico (2ª e 3ªs. fases). Com o ensino secundário e universitário desenvolveram-se aulas nas salas do Museu dadas pelos técnicos superiores do mesmo, ou pelos próprios professores, depois de uma prévia preparação. Nesta segunda fase, e em complementaridade das visitas desenvolveram-se vários ateliers para crianças e jovens, assim como visitas com animação de actores. Este projecto desenvolveu-se entre 1985/86.

Em 1986, a CMS, a pedido dos técnicos do Museu, dispôs-se a criar institucionalmente o Museu do Trabalho para albergar a colecção de alfaías agrícolas

2. Laura Chapman, »The Future and Museum Educations«, *Museum News*, July/August, 1982.

Laura Chapman, *Approaches to Art in Education*, New York: Harcourt, Brace, Javanovich, 1978, capit. 18, 19.

recolhidas por Michel Giacometi, visto que não se enquadravam na colecção de um Museu de Arte, como é o do Convento de Jesus. À criação do Museu do Trabalho seguiu-se a consequente compra de um edifício. Escolheu-se a antiga fábrica Perienes, ligada à indústria conserveira. Em 1987, surgiram várias maletas pedagógicas ligadas às colecções do Museu de Setúbal e do Museu do Trabalho para responderem aos pedidos das escolas da periferia e arredores do concelho. Surgiram então: as maletas do traje, em colaboração com o Museu Nacional do Traje, a maleta dos azulejos, a maleta do sal, do Mundo Rural, da pintura primitiva, dos grandes costureiros do século XX, dos "chapéus da minha avó", do teatro e das marionetas. A partir de 1987, encarou-se todo o património existente no território do concelho de Setúbal como Museu aberto e elaboraram-se cerca de três dúzias de fichas guias postas à disposição dos professores sobre pintura, igrejas, conventos, foniários, bairros populares, porto, rio, parque natural da Arrábida, estuário do Sado, azulejos, ferros forjados, Setúbal medieval, quinhentista, barroca, neo-clássica, arte-nova, "art-deco", modernista, industrial, etc.

Em 1988, na Fortaleza de S. Filipe, desencadeou-se um projecto que envolveu, durante um mês cerca de 5 000 pessoas, distribuídos por 3 000 alunos de todos os graus de ensino, 300 professores, pais, 30 artesãos e vários especialistas. Teve como objectivo principal, despertar a população para um monumento da sua cidade, tendo em conta que nele se desenrolaram factos importantes para a história local e nacional. Com alunos por dia, acompanhados dos seus professores, artesãos e pessoal do Museu, viveram o dia 16 de Dezembro de 1640. Formadas três equipas, uma para a investigação, outra para a logística e outra para a elaboração de materiais pedagógicos, trabalharam durante dois anos para que este projecto fosse um êxito. Além de todo um ficheiro que a equipa do Museu foi pondo à disposição das escolas, sobre Setúbal do século XVIII, estas também desenvolveram estudos paralelos que se materializaram numa exposição, no final do projecto. Alguns encarregados de educação fizeram todos os fatos que

eram necessários para os alunos, e uma costureira para os professores e actores de teatro que desempenharam as figuras principais, assim como os fatos das ciganas (bailarinas da Academia de Dança Contemporânea de Setúbal).

Mais tarde, fez-se outro projecto, numa Sociedade Recreativa de Cultura, subordinado ao tema "Uma matiné dançante nos anos 20/30 em Setúbal", com 150 alunos e cerca de 120 professores. Durante a preparação dos projectos, além da informação científica e investigação que o Museu foi fornecendo aos participantes, também se desenvolveram ateliers diversos de preparação para as tarefas que os alunos e professores iriam executar .

Tivemos, assim, para o projecto:

"O dia 16 de Dezembro na Fortaleza de S. Filipe"
ateliers de:

- latoaria
- carpintaria
- cerâmica
- cozinha
- cestaria
- tapeçaria
- bordados

escrita com pena.

Para o projecto:

"Uma matiné: dançante nos anos 20/30 na Sociedade Musical Capricho Setubalense" desenvolveram-se ateliers de

- engomados com goma
- pintura de tecidos
- recorte de papel
- penteados do século XX
- o Charleston

No final, foi feita uma avaliação com todos os participantes e várias exposições de trabalhos em todas as escolas participantes.

Em 1989, o Museu de Setúbal-Convento de Jesus e o Museu do Trabalho, ainda sem instalações, desenvolviam todo este esquema de produtos educativos, a saber:

- visitas guiadas com animação
- recriação de cenas históricas nas salas do Museu
- visitas guiadas com fichas guias dentro e fora do Museu
- ateliers para docentes e ateliers para alunos
- ateliers para artesãos
- curso de história local
- maletas pedagógicas
- colóquios sobre vários temas
- concertos
- espectáculos de teatro e dança
- Projectos de história ao vivo.

Em 1990, a CMS comprou um edifício para nele ser colocada a colecção Giacometti, situado numa zona periférica junto de duas escolas de ensino secundário. Abriu aí uma reserva técnica visitável, com consequente animação e ateliers ligados à temática da colecção, e de outras que foram sendo doadas ou compradas pela Câmara

Municipal, no âmbito da indústria conserveira e indústrias afins como: latoaria, litografia, trabalho dos metais, etc.

Esta reserva técnica, além da colecção possuiu uma biblioteca e um centro de documentação, sendo um pólo de animação importante numa zona carenciada da cidade.

Em 1990, a C M.S concretizou a compra da fábrica Perienes, estando neste momento praticamente concluídas as obras de adaptação. O Museu de Setúbal — Convento de Jesus iniciou igualmente as suas obras.

A partir de 1990, com os dois Museus em obras, iniciamos todo o tipo de animação voltado para espaços mais pequenos como a Casa Bocage e a Casa do Corpo Santo, entretanto aberta ao público, assim como se iniciaram as obras da reserva técnica de Arqueologia Industrial, numa outra zona periférica de Setúbal (Poçoilos).

Estes circunstancialismos coincidiram com projectos que o serviço educativo dos Museus Municipais vinham preparando há longo tempo: a ligação do museu à escola e desta à população activa. Para isto era necessário trabalhar com uma parte da população que estava desligada da arte e da ciência, nomeadamente a população trabalhadora, sem muita instrução. Fizemos então, projectos que contemplaram os barbeiros, enfermeiros, os taberneiros, os comerciantes, os litografo, as domésticas, os operários da indústria conserveira, os pescadores, os carpinteiros, os oleiros, as tecedeiras e os trabalhadores da arte dos metais e até os técnicos de computadores. Com os profissionais atrás referenciados realizamos várias exposições, encenadas especialmente para as escolas, e fizemos a ligação desta população trabalhadora à comunidade escolar, nos casos através de ateliers, como no caso da litografia, computadores, tecedeiras, carpintaria, olaria e arte dos metais, noutros através de colóquios como no caso dos enfermeiros, indústria conserveira, comerciantes, pescadores e barbeiros, e noutros ainda através da animação com actores como no caso das domésticas e taberneiros. Através destas

estratégias, de 1990 a 1993 concretizou-se o triângulo de ouro da animação comunitária: Museu-escola-população activa.

Criou-se, então, um novo público para o Museu. Com temas fáceis que eram, afinal, o quotidiano das pessoas simples, conseguimos interessar jovens e público em geral por um património mútuo e importante, as histórias de vida das diversas profissões, e transmiti-las de um modo muito vivo às novas gerações.

Concluindo, consideramos que o serviço educativo é a imagem do Museu, porque é através dele que se contacta as pessoas, que se comunica com elas, que se estabelece a ponte entre o sujeito e o objecto, entre o presente e o passado, entre o real e o que é já memória.

As actividades culturais de um Museu

O Museu deve desenvolver uma série de actividades culturais que sejam úteis ao cidadão. A investigação activa e passiva são serviços fundamentais que auxiliam investigadores, estudantes e curiosos; na primeira está a investigação que o próprio Museu desenvolve a nível da história das suas colecções, ou da própria história local; na segunda estão os documentos inventariados e catalogados, em centros de documentação e bibliotecas que o Museu põe à disposição dos utentes para eles próprios realizarem a sua investigação.

No Museu de Setúbal-Convento de Jesus foram já feitas através, dos Arquivos existentes, duas teses de mestrado.

A divulgação científica e cultural deverá ser feita através de publicações; o Museu do Trabalho de Setúbal apoiou a publicação em dois volumes do estudo da colecção Giacometti, feita pelo professor universitário e etnólogo Freitas Branco, e o Museu de Setúbal, através do seu conservador, publicou numa editora com o apoio do mecenato setubalense, um livro com o estudo das colecções de arte deste Museu. A divulgação cultural e científica também se materializa através de

colóquios, vídeos, acções nas escolas e congressos. É de destacar aqui o Simpósio Comemorativo dos 600 anos da fundação do Convento de Jesus, com a participação de catedráticos de várias universidades, investigadores e estudantes de mestrados.

CONCLUSÃO

Apresentar e divulgar: objectivos de ontem e hoje.

Sem público, não há Museu, esta é uma verdade incontestável. Por isso, todas as tarefas museológicas devem ter como objectivo primordial a apresentação e divulgação do trabalho realizado no seio da instituição museal — investigação, preservação, estudo das colecções, descobertas recentes, novas tecnologias, novos movimentos artísticos, etc.

O Museu deve tornar-se um parceiro social actual na sociedade onde está inserido, porque recolhe, conserva e problematiza aquilo que o homem tem de mais profundo, a razão da sua existência e a sua evolução, em qualquer dos quadros da ciência e da arte, numa palavra, a memória e a imaginação criadora.